



ESTA PEÇA NÃO PODERÁ SER
REPRESENTADA SEM A DEVIDA
AUTORIZAÇÃO DA SOCIEDADE
BRASILEIRA DE AUTORES
TEATRAIS.

"TERRA ADORADA"

"Terra Adorada" é uma peça infantil, que saiu um pouco do comum. Tem uma feição de revista, chegando a ser, se Diretor e Produtor quiserem, um "espetáculo". Foge a uma história de bichos e fantasias para se tornar algo mais real, no campo do divertimento e da educação camuflada. A pilula é dourada: o público infantil não deve sentir que está aprendendo. Nem o público adulto que o acompanha ou simplesmente vai ao Teatro atraído por alguma informação favorável. Na aparência, pois, é peça que diverte, pelas perspectivas que abre à música, à dança, à comicidade, até à *féerie*.

O teatro infantil deve ser feito para a Criança, mas, não há razão de não ser feito por crianças. Os profissionais ladinos é que criaram barreiras, nos palcos, às crianças, não só porque difícil lhes seria recrutá-las, ensaiá-las e vesti-las como porque preferiam explorá-las nas bilheteria. Entretanto, a prática teatral lhes é utilíssima, sob múltiplos aspectos, mormente sob aqueles que mais de perto dizem respeito à aquisição de formas e a inteligência, abrindo-lhes perspectivas imensas no terreno da História, da Arte, da Ciência e do Civismo.

O número de crianças em "Terra Adorada" é pequeno, mas, as poucas que intervêm na ação pesam nela e a definem como participação real do elemento infantil na realização cênica. É o que basta para demonstrar que vocações artísticas podem revelar-se através de quem participa de uma representação, porém, nunca de quem simplesmente assiste a ela. Desde que se evitem vaidades e egoísmos, o que já constitui um valor moral do cometimento, as tendências artísticas se firmam e confirmam, abrindo horizontes às mais diversas manifestações estéticas, no terreno da voz, de coreografia, da dicção, da expressão corporal, etc.

Três crianças, apenas, atravessam o texto de "Terra Adorada", mas, outras podem ser incluídas, ao lado de adolescentes, no elenco, como se verá.

Dois importantes suportes de "Terra Adorada" são os *slides* e a partitura.

O cenário é muito simples: dos lados, rompimentos; ao fundo, uma grande tela, de 6 metros de largura por 4 ou 4,5 de altura. Sua moldura, no alto e em baixo, será de 50 a 60 centímetros, mas, nas laterais, alcançará 1 a 2 metros, para que sobre elas possam ser justapostas, revezando-se, "pernas" adequadas aos diversos quadros da peça. As dimensões acima expostas podem ser modificadas de acordo com as dimensões do palco cênico.

Sobre a tela, serão projetados os *slides*, como fundo colorido e constantemente mutável da cena. Constituirão um dos excitantes da curiosidade infantil.

Alguns dos *slides* são "cativos" do texto, não podendo ser substituídos. Numerosos são os que podem ser facilmente confeccionados, como reprodução de telas ou gravuras conhecidas, por exemplo: o Desembarque de Cabral, a Primeira Missa no Brasil, o Grito da Independência, desenhos de Debret, aspectos das grandes capitais brasileiras, bandeiras de alguns países, etc. Ideal será que não seja alterada a letra do texto, utilizando-se, para isso, os *slides* indicados. Quem os desejar, dirija-se ao autor — rua Luiz Barbalho, 254, Recife — que os fornecerá a baixo preço, sem intuito comercial. Mas, se algum *slide* for sacrificado por outro melhor ou de preferência do Diretor, isso o autor desde já permite como, também que as frases a ele atinentes sejam escritas. Claro: se se muda o quadro projetado, tem-se de mudar, também, sua legenda. O essencial é que o espírito da peça seja preservado.

Quanto à *partitura*, possui páginas conhecidas, como sejam pequenos trechos de "Cidade Maravilhosa", de "Uma Casa Portuguesa, com Certeza", da valsa "Danúbio Azul", da "Abertura", de "Carmen", de um sambanredo de Escola de Samba de rock conhecidos, etc., de que se fará uma gravação em fita magnética. Outros trechos, porém, constituem, em número de 8, pequena partitura da lavra do mesmo autor do texto. Estas poucas páginas são exigidas. O autor poderá remetê-las aos interessados, cobrando-lhes, apenas, o preço da cópia, concordando, desde

já, em que sejam orquestradas para execução "viva" ou através de gravação.

Danças típicas dão grande relevo ao espetáculo: uma dança espanhola (limitada, se quiserem, a um par de adolescentes), um câ-cã, um bailarico português, um número de marcação norte-americano, um de rock desenfreado, um grupo de "baianas", outro de "frevo", etc. Tudo isso se consegue com quatro rapazes e quatro moças.

O fecho da peça se dá no Recife, de onde partem as três crianças para a "viagem maravilhosa". Mas, não se trata de rubrica obrigatória: pode a ação começar e acabar no Rio ou em outra qualquer parte, contanto que o fecho seja uma "apoteose" à arte, às tradições, às peculiaridades nativas, no campo da música, do canto, da dança, etc. Um Diretor inteligente facilmente apreenderá o sen-

tido de "Terra Adorada", podendo realizar, respeitadas as exigências básicas aqui formuladas, um trabalho de recriação dentro das linhas mestras da... — criação.

No correr do texto, se há de ver que "Terra Adorada" não é tão difícil quanto parece e que, em qualquer parte do Brasil, poderá empolgar o público (o mirim e o adulto) como aconteceu, em numerosas récitas, no Recife, quando encenada pelo TEATRO DE AMADORES DE PERNAMBUCO.

Lembrete final: interessar alguma Companhia de Navegação aérea transcontinental para a publicidade, no texto... E dela conseguir, de entrada, slides de avião seu de grande porte.

VALDEMAR DE OLIVEIRA

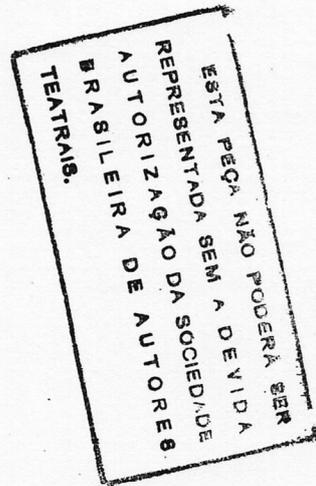
"TERRA ADORADA"

REVISTA INFANTIL em 2 atos e

vários quadros

TEXTO E MÚSICA de

VALDEMAR DE OLIVEIRA



(Na partitura, trechos de composições de outros autores, como "Cidade Maravilhosa", "Danúbio Azul", samba-enredo de Escola de Samba, além de outras de livre escolha do Diretor).

Encenada, pela primeira vez, no Recife, pelo TEATRO DE AMADORES DE PERNAMBUCO, agosto de 1974, na cena do "Nosso Teatro"

PERSONAGENS:

MARIA }
MARIO } crianças de 8 a 10 anos
MIMI }
MÁRCIA — Jovem aeromoça
MAMÃE
PAPAI
FADISTA (canta um fado)
“TURO” (personagem adulto)
MARIANA (a França)
MARINHEIRO I — Jovem
MARINHEIRO II — Adulto
SERESTEIRO
BRANCO (canta)
ÍNDIO (canta)
NEGRO (canta)
BRASIL (adulto)
RETIRANTE I }
RETIRANTE II } (cantam uma embolada)
CARIOCA (canta samba-enredo)
MORENO }
BAIANA } (cantam um duo)

Dançarinas: 4 jovens (moças) e 2 rapazes. Com os 2 MARINHEIROS, farão o número de O.K. E, com os trajes característicos, farão o Bailarico Português, a Dança Espanhola, o Cã-Cã e o Frevo.

Nota: na edição do TEATRO DE AMADORES DE PERNAMBUCO (agosto, setembro, outubro de 1974) um só ator — Reinando de Oliveira, fez o FADISTA, o TOURO, o MARINHEIRO II, o BRANCO e o RETIRANTE II. A amadora Fátima Marinho fez MARIANA, BAIANA e 1 girl. São exemplos de papéis que podem ser dobrados, do mesmo modo que as 4 moças e os 2 rapazes farão os pares da “Modinha”. As hipóteses 1 e 2, expostas como opções para fecho do 1.º ato, também podem beneficiar-se de iguais disponibilidades.

Época atual.

"TERRA ADORADA"

Revista Infantil em 2 atos de VALDEMAR DE OLIVEIRA

PRIMEIRO ATO

Dormitório de crianças: dois leitos, um armário (sobre este uma boneca a MIMI, em carne e osso, porém, imóvel) e duas mesinhas de cabeceira. Sobre uma, um avião em miniatura; sobre outra, um abaju. Todo o fundo, semelhante parede branca, uma tela de projeção, de uns 5 a 6 metros de largura por 4,5 ou 5 de altura, tudo dependendo das dimensões do palco. A tela tem, em cima e em baixo, faixas de 50 a 60 centímetros de altura; dos lados, cada moldura alcança cerca de 2m.

Duas cortinas funcionam: uma imediatamente atrás do velário, que chamaremos cortina A; outra que de vez em quando cobre a tela, constituindo-se em fundo — a cortina B. Cores ao gosto do Diretor. A cortina A bem clara.

Com um pequeno projetor, cujas imagens apenas alcançam um pequeno espaço da tela, PAPAÍ estará focalizando slides.

ABERTURA MUSICAL — *Número obrigado A*

Abre-se o velário. Sobre a CORTINA "A" será projetado...

1 — *Slide com o nome da peça* — "TERRA ADORADA".

Finda a ABERTURA, abre-se CORTINA A. ... PAPAÍ está mostrando, aos dois filhos — MÁRIO e MARIA — slides de sua última viagem à Europa e à América. Os pequenos me-deiam entre 8 e 10 anos.

2 — SLIDE DO ROCKEFELLER CENTER.

PAPAÍ — Pensam que Nova York só tem arranha-céus? Não. Em pleno centro da cidade há tantas flores que vocês não imaginam.

MARIA (De bruços, na cama) — Eu gosto tanto de Papai mostrando slides...

PAPAÍ — Já mostrei mais de trinta. A sessão está acabando...

MÁRIO — Por mim, eu passava a noite inteira vendo...

3 — SLIDE DE LISBOA

PAPAÍ — Esta é a Avenida da Liberdade, de Lisboa. Que é Lisboa?

MÁRIO e MARIA (Ao mesmo tempo) — Capital de Portugal!

MÁRIO — Não é a terra do Fado, papai?

MÚSICA — *Ouve-se uma guitarra ou violão em acompanhamento.*

As crianças vêm ao C. MÁRIO canta 2 ou 3 compassos de um fado, imitando sotaque português e cortejando MARIA, toda faceira.

PAPAÍ — É a terra do Fado, sim... Mas, o Fado foi daqui prá lá... E a Modinha veio de lá prá cá...

MÁRIO — Trocaram os pares... (Rindo)

MARIA — E agora, que é isso?

PAPAÍ — Estão agora na Espanha, terra de danças bonitas, de muita música e muitas canções...

MARIA — A Espanha deve ser uma maravilha! Eu só queria ir lá!

PAPAÍ — E tudo isso sem falar nas touzadas!

MÁRIO — Eu vi uma no cinema!

MÚSICA — *Pequeno trecho de música espanhola, salerosa.*

MÁRIO *finje torear MARIA, jogando com uma toalha vermelha. Acabam com dois olés fortes.*

PAPAÍ — Foi da Espanha que Cristóvão Colombo partiu para descobrir a América.

MARIA — Coitado! Morreu sem saber que tinha descoberto um continente.

PAPAÍ — Descobrido, não. Descoberto.

MARIA — Essa você ganhou, velhinho. Vamos sair prá outra.

5 — SLIDE DO MUSEU DO LOUVRE

PAPAÍ — Sabem o que é isso? Paris!

MÁRIO — Capital da França!

MARIA (Desdém) — Quem é que não sabe?

PAPAI — É o Museu do Louvre, onde está a célebre Gioconda.

MÁRIO — Quando eu for à Europa, vou conversar com essa tal de Gioconda.

PAPAI — Tólice! Gioconda é uma tela pintada por Leonardo Da Vinci.

MARIA — Se eu for à França quero ver é o câ-cã.

MÚSICA — *Alguns compassos de câ-cã, que MARIA dança e MÁRIO acompanha batendo palmas. Risos.*

PAPAI — Basta, senão vocês não vêem o resto.

6 — SLIDE DE VENEZA (*se possível, Palácio dos Doges*).

PAPAI — Sabem onde estão? Em Veneza, na Itália. O Palácio dos Doges merece bem uma visita.

MÁRIO — Doge. É uma marca de automóvel. (Finge guiar um)

PAPAI — Nada disso. Os Doges eram magistrados eleitos para governar Veneza. E agora só tem dois slides...

7 — SLIDE DE VIENA

PAPAI — Agora, Viena,, a pátria de Strauss!

MÁRIO — Aquele que escreveu uma porção de valsas bonitas?...

MARIA — Como o "Danúbio Azul". Eu vi no cinema, Strauss regendo a orquestra, os rapazes dançando com as pequenas, elas com vestidos compridos...

MÚSICA — "Danúbio Azul", só a primeira parte.

MÁRIO *finge reger a orquestra, dando entrada à valsa. Dirige-se a MARIA, que o espera sentadinha na cama. Convida-a — e passam a valsar. Ao fim, leva-a ao seu lugar, com uma reverência. Risos.*

MARIA — Papai não tem outro dos Estados Unidos?

PAPAI — Tenho. É o último. A principal rua de Nova York, a Broadway.

8 — SLIDE DA BROADWAY.

MARIA — Eu adoro a música norte-americana, o rock, a música pop...

MÚSICA POP — *Os dois dançam animadamente alguns compassos.*

MAMÃE (Surge no melhor da festa) — Acabou a festa! Para a cama... Quem tem aula no dia seguinte cedo, tem de dormir cedo...

MÁRIO — Mas, Mamãe,, estava tão bom... Agora (Imita) prá cama!

PAPAI — Também acabaram-se os slides. De outra vez, mostro mais.

MARIA — Fizemos uma viagem maravilhosa com Papai!

MÁRIO — Vou ganhar dinheiro depressa prá viajar pelo mundo inteiro, a Europa, a América...

MAMÃE — O Brasil também, não esqueçam. É preciso conhecer o nosso País.

MARIA — Vamos todos juntos. Eu, Mário e Mimi.

MÁRIO — O quê? Aquela boneca? Só se for para atrapalhar...

MARIA — Não atrapalha nada. Vai quietinha, junto de mim.

MÁRIO — E como é que a gente vai, papai? A pé?

PAPAI — Não, Pedro Bó. De avião, rápido. Pegam um, saltam em Portugal, mais um pouquinho estão na Espanha, na França, atravessam para a América...

MAMÃE — Basta! Você está enchendo demais a cabeça deles. Quando forem dormir, vão sonhar com tudo isso.

MÁRIO — E não é bom? Vamos primeiro a Portugal...

MAMÃE — Mas, agora, vão é para a cama! (Papai, que já desmontou o projetor, sai).

MARIA — Eu quero conhecer Nova York.

MAMÃE — Vá dormir que Você vai. Por que não pede a Nosso Senhor?

MÁRIO — Ele não dá. É impossível.

MAMÃE — Você já viu alguma coisa impossível a Nosso Senhor, meu filho? Isso é pecado.

MARIA — Tudo o que eu peço ele dá. Pedi uma boneca do tamanho da gente e ela está ali.

MÁRIO — Conversa. Quem deu foi Papai Noel...

MAMÃE — Papai Noel vem a mando dele. Vá, se quer pedir, peça logo.

MÁRIO (Ajoelha-se na cama, persignando-se comicamente) — Meu Jesus! (Mostra a miniatura do avião) Está vendo este avião? Pois eu puero viajar nele, ir à Europa, à América, conhecer o Brasil, tudo! Se o Senhor fizer isso, eu prometo...

MAMÃE (Interrompendo) — ... que vou ser muito obediente.

MÁRIO (Acentua) — Que eu vou continuar a ser muito obediente...

MAMÃE — E você, Maria, que vai pedir?

MARIA — Eu quero ir com ele e levando minha boneca.

MÁRIO — Essa boneca vai nos atrapa-
lhar...

MAMÃE — E cabem os três nesse avião?
(Ri) É impossível!

MÁRIO (Espanto falso) — Mamãe! A se-
nhora já viu alguma coisa impossível a Nosso
Senhor? Isso é pecado!

MAMÃE (Sorri) — Tem razão. Agora,
deitem-se... Quietinhos. Amanhã, bem cedi-
nho, eu venho acordá-los. (Soam dez bada-
ladas) Dez horas! (Acompanha os filhos.
MÁRIO dorme com o avião entre os braços.
MAMÃE apaga o abajur, finge que fecha a
Cortina B, sai) PAUSA. Soam 11 badaladas.
RUIDO DE TURBINAS DE AVIÃO...

MÁRIO (Erguc-se, senta-se na cama) —
Está na hora. As turbinas do avião já estão
esquentando. Vamos embora! (Acorda MA-
RIA) Maria! Maria!

MARIA (Acorda meio espantada, senta-se
na cama) — Que é, Mário? Você é sonâmbulo?

MÁRIO — A noite está estrelada. Vamos
partir. Não está ouvindo as turbinas?

MARIA — Que turbinas?

MÁRIO — Às do avião, boboca!

MARIA — Você não está sonhando, não?

MÁRIO — E se estivesse? Você é que ain-
da não acordou direito. Vou trocar de roupa.
(Sai, às pressas).

MARIA (Também se apressa) — Vou
cuidar de Mimi... (Vai à boneca, liga um bo-

ção em suas costas, fá-la animar-se) Vamos
viajar por aí afora, Mimi.

MIMI (Meninota graciosa e viva) — Via-
jar como, garota? Você não está boa da cuca!

MARIA — Neste avião. Mári o já está se
preparando. Foi mudar de roupa.

MIMI — Eu não tenho que mudar nada.
Só tenho este vestido...

MARIA — Então, vai assim mesmo. Que
jeito!

MÁRIO (De volta, pronto) — Estou pron-
to! Essa Mimi vai nos atrapalhar...

(MARIA sai).

MIMI (Pegando-o pela orelha) — Espera
aí, rapaz! Você pensa que eu só sei revirar os
olhos? Está enganado. Eu conheço Geografia!
(MÁRIO faz pouco) Passei um ano numa vi-
trina, diante de um mapa geográfico. Aprendi
geografia à força.

MÁRIO — Vamos indo. Não há tempo a
perder. (Para a platéia) Gurizada! Vocês
todos vão conosco. Fiquem aí sentadinhos, que
o avião vai subir e vocês vão ver tudo...

MIMI — E Maria? Sem Maria eu não vou!
(Senta-se, zangada).

MÁRIO — Eu não disse que você ia nos
atrapalhar? Já começou...

MARIA (Entra, preparada) — Não come-
çou nada. Agora é que vai começar!

MÚSICA — "A PARTIDA" — (Número
obrigatório B)



Sem MARIA, eu não vou! — exclama MIMI

I

MÁRIO —
Vamos pelo mundo então,
a correr terras e mares,
dentro de um avião
navegando pelos ares.

MARIA —
Sobre o vale e sobre a serra,
sob a luz do céu de anil,
vamos ver se alguma terra
é mais bela que o Brasil!

ESTRIBILLO

TODOS —
Brasil! Brasil! Brasil!
Minha terra abençoada
entre outras mil!
Brasil! Brasil! Brasil!
Não há terra mais amada!
Não há povo mais gentil!

REPETE O ESTRIBILHO

II

MARIA —
Não há tempo a perder,
para a viagem triunfal!
Correr mundo é um prazer,
como não há outro igual.

MÁRIO —
Cada um de nós, feliz,
percorrendo léguas, mil,
há de ver — não há país
mais bonito que o Brasil!

ESTRIBILHO, *repetido*. MARCAÇÃO.
(Vão a sair)

MÁRCIA (Entra, perseguindo-os) — Ga-
rotos! Garotos!

VOZ DE LOCUTOR — Senhores passagei-
ros do avião da para a Europa.
Queiram ocupar os seus lugares — e boa
viagem!

MÁRCIA — Vocês não vão nesse avião?

MÁRIO — Vamos, sim...

MÁRCIA — Então, apressem-se. Estão
chamando os passageiros... Tomem...
(Entrega, a cada um, um binóculo, uma
máquina fotográfica e um caderninho de no-
tas, que serão utilizados, em diversas ocasiões,
oportunamente, pelos "viajantes").

MÁRIO — E a senhora vai com a gente?

MÁRCIA — Vou, sim. Mas, não me cha-
mem de senhora. Meu nome é Márcia... Vou
com vocês até o fim da viagem!

MIMI — Legal! Vamos embora!

INTRODUÇÃO DA MÚSICA ANTERIOR
PARA A SAÍDA DE TODOS

(Daqui por diante, os slides serão proje-
tados por projetores maiores, de pontos mais
distantes, como fundo da platéia, bordo de
balcão superior, pois a imagem precisa encher
toda a grande tela do fundo do palco, com-
pondo o "cenário" da peça, juntamente com
as "pernas" laterais da tela. Os jatos de luz
dirigidos sobre os personagens deverão ajus-
tar-se às projeções para não sacrificá-las.

À SAÍDA DOS "VIAJANTES", fecha COR-
TINA A

9 — SLIDE DE AVIÃO SOBRE ELA. (Este
slide será repetido várias vezes) RUIDO DE
TURBINAS DE AVIÃO EM VOO.

VOZ DE MÁRIO (Off) — Está com medo,
Maria?

VOZ DE MARIA (Off) — Nem um pouqui-
nho. Eu sou menina? E você, Mimi?

VOZ DE MIMI (Off) — Eu já andei de
avião quando saí da fábrica. Isso prá mim é
sopa!

VOZ DE MÁRCIA (Off) — Ninguém tem
medo viajando pela

VOZ DE MIMI (Gritando) — Terra!
Terra!

VOZ DE MÁRIO — Que rio é aquele ali
em baixo? Será o São Francisco?

VOZ DE MÁRCIA — Não. Esse rio é o
Tejo, que banha Lisboa...

VOZ DE MARIA (Sempre off) — Já esta-
mos, então, em Portugal?

VOZ DE MÁRCIA (Off) — Já. Este avião
é rápido como o pensamento.

(Abrem-se as duas cortinas. Entram os
"viajantes". Na tela...

10 — SLIDE DA BANDEIRA DE PORTU-
GAL.

MÚSICA — 10 ou 12 últimos compassos do
HINO DE PORTUGAL.

MÁRCIA (Que estacou, diante da bandei-
ra e do hino, com os demais) — Eis a bandei-
ra e o hino de Portugal. Estamos entrando na
Europa pela porta da frente.

(As "pernas" laterais da tela, deixam ver
guitarras, cachos de uvas, pandeiros, fitas,
etc.)

11 — SLIDE DE PAISAGEM DE PORTU-
GAL, COM FLORES.

MÁRCIA — Vejam que beleza é Portugal!

MARIA — Quantas flores!

MÁRCIA — É sempre assim, na primavera,
em toda a Europa. Agora, se sairmos do cen-
tro de Lisboa, vamos encontrar um monu-
mento da história portuguesa, ligado também
ao Brasil.

12 — SLIDE DA TORRE DE BELÉM

MÁRCIA — É a Torre de Belém. Foi de Portugal que partiu Pedro Alvares Cabral. E que houve nessa viagem?

MIMI — Ora, o que houve! Ele descobriu o Brasil! Eu sei História!

(Outros slides de Portugal podem ser ainda projetados, caso queira o Diretor, com os comentários adequados).

(Entra em cena o FADISTA).

MIMI (Ao vélo) — Vou conversar ali com o patrício. (Fecha-se CORTINA BQ).

MÁRIO — Mas, se você nem sabe o nome dele! Você vai é nos atrapalhar!

MIMI — Ou é Joaquim ou é Manuel! (Ao FADISTA) Como vai, seu Joaquim?

FADISTA (Risonho) — Eu não me chamo Joaquim.

MIMI — Desculpe. Como vai, seu Manoel?

FADISTA — Eu vou bem. Mas, como advi-nhou meu nome?

MIMI — Brasileiro é bicho inteligente. Joaquim ou Manuel você é de casa.

FADISTA — É verdade. Portugal e Brasil são irmãos, pois, pois...

MARIA — Meus avós eram portugueses.

MIMI — Os meus também. Ó Manel! Canta aí uma coisa prá nós...

MÚSICA (Toma sua guitarra e canta "Uma Casa Portuguesa, Com Certeza...").

MARIA (Finda a música) — Por que é que vocês às vezes parecem tristes? Cantam como se estivessem chorando...

FADISTA — Nem tudo em Portugal é assim. Olhe: aí vem gente portuguesa dançando contente!

MÚSICA — (Bailarico português de livre escolha).

(Acabado o número, as crianças imitam o que viram, comicamente).

MÁRCIA — Pessoal, vamos embora! Temos muito que ver, ainda!

MARIA — É. A Europa é muito grande!

MIMI — Ora, grande! A Europa é canja. Cabe inteirinha dentro do Brasil!

MÁRIO — É o Brasil tem 8 milhões e 500 mil metros quadrados.

MIMI — É uma quebrinha...

VOZ DE LOCUTOR — Passageiros para Madrid, queiram tomar seus lugares no avião da Boa viagem!

MÁRCIA (Apressa-se) — Toca prá frente! Vamos, se não ficamos na bagagem!

(Saem, correndo)

(Fecha-se CORTINA A. Sobre ela, proje-

ta-se o avião, ENQUANTO SE OUVE RUÍDO DAS TURBINAS.

VOZ DO LOCUTOR — Senhores passageiros, acabamos de descer no aeroporto de Madrid, capital da Espanha. A temperatura é de 20 graus e faz um bonito sol.

(Abrem-se as duas cortinas. Os "viajantes" entram).

13 — SLIDE DA BANDEIRA DA ESPANHOLA.

MÚSICA — Alguns compassos do HINO DA ESPANHA.

MÁRCIA (Ao finalizar a música) — Esta é a velha e linda Espanha!

14 — SLIDE DE SALÃO DO ANTIGO PALÁCIO REAL.

MÁRCIA — Este é o salão vermelho do antigo Palácio Real. A corte dos Bourbons, da Espanha, ostentava grande luxo...

MARIA — Eu quero ver outras coisas da Espanha!

MÁRCIA — É o que não falta... Flores, mulheres bonitas, danças, músicas!

MÚSICA (de livre escolha) para DANÇA ESPANHOLA. (Fecha CORTINA B)

MÁRCIA (Acabada a música, enquanto CORTINA B se abre) — Vamos, agora, à Plaza de Toros, ver uma tourada. Nada é mais bonito ali do que a entrada da "cuadrilla", sob o aplauso da multidão das arquibancadas!

MÚSICA — ABERTURA DA ÓPERA "CARMEN".

15 — SLIDE DA ENTRADA DA QUADDRI-LHA.

(As crianças procuram imitar, comicamente, a pose dos que desfilam).

MÁRCIA — Pouco depois, começa a tourada, que é um espetáculo maravilhoso.

16 — SLIDE DE PASSE DE TOURADA (Podem suceder-se vários).

(MÁRIO e MARIA fingem touro e toureiro, com seus olés).

MIMI — Cuidado que esse touro pode se soltar e vir em cima da gente.

TOURO (Do fundo da platéia, urrando, entra o TOURO — ator adulto, vestes negras de camurça, cabeça bem confeccionada, andar erecto) — Uh! Uh!

(MIMI, MÁRIO, MARIA se atemorizam, grande movimento).

TOURO — Não tenham medo... (Sobe ao palco, pedindo calma) De onde vêm vocês? De algum lugar onde há touradas? (Fala espanholado).

MÁRIO — Não. Nós somos do Brasil. Lá só há vaquejadas.

TOURO — Eu sei. Lá só querem derrubar o bicho — e não matá-lo, não é?

MARIA — Em Portugal, também não matam os touros nas touradas.

TOURO — Mas, fazem horrores com ele. Puxam-lhe o rabito, montam nele, fazem pouco, dizem pilhérias. Chegam no ouvido dele e dizem: "Seu touro, sua mulher é uma vaca!" Ao passo que aqui...

MÁRIO — Que é que fazem aqui?

TOURO — Aqui? Fazem o diabo comigo, metem-me uma espada e acabam me matando.

MIMI — Isso não é brincadeira que se faça!

TOURO — Eu também acho... Antes da tourada, me prendem no escuro, três dias e três noites. Só me dão ervas amargas, sem uma gota d'água. Quando abrem a porta, eu penso que me vão dar água, que nada. Soou gente gritando e pano encarnado na minha frente!

MIMI — Você não gosta do encarnado?

TOURO — Não. Eu sou do cordão azul. No fim de tudo, quando eu ainda estou estrebuchando, ainda me cortam a orelha e dão de presente ao toureiro, se ele me matou bem... Já pensou?

MIMI — No Brasil é diferente. Boi dança no carnaval...

MÁRIO — É o bumba-meu-boi... (Dança) Eh! bumba! Eh! bumba! Eh! bumba!

MARIA — Lá, o boi morre de mentira... Com um pouco mais, o pessoal canta:

"Levanta-te boi, vamos embora, que é de madrugada, o rompê da aurora!"

TOURO — Ah! eu quero ir para o Brasil! Me levem para o Brasil!

MARIA — E sua mulher também vai?

TOURO — Claro que vai... Porque... (Dança) "Prá onde a vaca vai, o boi vai na frente". (Todos cantam, com ele, comicamente) Ah! eu quero ir para o Brasil

VOZES (Dentro, acompanhadas de clarins) — Onde anda esse boi? A tourada vai começar! TOURO (Espanta-se) — Estou perdido! (Procura uma saída, no borbórinho geral e sai correndo, aos urros. Boa "pedida" é retirar a cabeça de papelão, ao sair pelas laterais).

(Os "viajantes" também saem, enquanto a CORTINA A se fecha. Sobre ela projeta-se a imagem do avião, ouvindo-se suas turbinas).

VOZ DE MÁRCIA (Off) — Prestem atenção. Estamos atravessando os Pirineus.

VOZ DE MIMI — Já sei. É o limite entre a Espanha e a França. Eu sei Geografia!

VOZ DE MARIA — Este avião é um sonho! Já estamos chegando em Paris!



MÁRIO, MARIA e MIMI, acompanhadas pela aeromoça MÁRCIA, conversam com o "TOURO", em sua passagem por Madrid

VOZ DE LOCUTOR — Senhores passageiros! Acabamos de chegar ao aeroporto de Crly, em Paris!

(*Abrem-se as cortinas A e B. Nas "pernas", desenhos da Torre Eiffel e da Colonne Vendôme*).

MÁRCIA (*Entra, com os três*) — Esta é uma das cidades mais lindas do mundo!

17 — SLIDE DA ÓPERA DE PARIS.

MÁRCIA — E este é um dos mais belos teatros da Europa — a Ópera de Paris!

MÁRIO — Não é mais bonito do que o teatro... (*Alude ao teatro do momento*).

18 — SLIDE DE PARIS DE CHAILLOT.

MÁRCIA — Este é o Palácio de Caillot, local de concertos, exposições, espetáculos...

MARIA — Sim, senhor, tudo muito bonito, mas, ninguém nos recebe aqui?

MARIANA (*Entra, vestida e adereços com as cores francesas*) — Recebo eu!

19 — SLIDE COM A BANDEIRA FRANCESA.

MÚSICA — *Primeiros ou últimos compassos da MARSELHEZA*.

MARIANA (*Cessada a música*) — Sou Mariana. É o mesmo que dizer: sou a França. Simbolizo o meu país.

MIMI — Vou falar com ela! (*MÁRIO tenta impedi-la, não consegue*) — Comment ça va? Je suis Mimi...

MARIANA — Mimi Pinson? Mimi Blulette? Mimi de Murger? Mim da Boêmia?

MIMI — Nada disso. Sou Mimi... (*Diz o sobrenome de sua família, na vida real*).

MARIANA — E vocês todos de onde são?

MÁRIO — Somos do Brasil!

MARIANA — Do Brésil? (*Num brado*) — Pelé!

MIMI (*Vaidosa*) — Jairzinho! Luizão! Rivelino! (*Chuta*) — Gol!

MÁRIO — Não conhece o café do Brasil? É o melhor do mundo!

MARIA — E o algodão de Mocó? O primeiro do mundo!

MIMI — E uma coisa única no mundo? (*Remexe-se*) O samba! (*Remeleixo geral*).

MARIANA — Ça suffit, ça suffit... (*Ri muito*).

MIMI — Não tem fi-fi, não. O Brasil tem é tudo... (*Ensaia um sambinha*) Tem borra-cha, mate, cacau... legal?

MÁRIO — Esta menina acaba nos atrapalhando!

MIMI — Sai daí rapaz! Deixe-me falar com a moça. Eu sei Francês! Bon jour! Olhe:

Santos Dumont tinha nome francês, mas, era brasileiro, viu? Sai dessa, dona Franciú...

MARIANA — Cada país tem suas glórias... Nós temos, por exemplo, Napoleão, Vitor Hugo, Pasteur... E temos, sobretudo, Paris!

MÚSICA (*Número obrigatório C*) — Valsa. MARIANA —

Paris! Paris!

O nome teu seduz!

Quem pode te esquecer,

Paris, Cidade-Luz!

Quem te visitar se sente feliz,

através de ti a vida reluz!

Paris! Paris! Paris, Cidade-Luz!

(*Repete-se em 2/4, vivo, com marcação geral*).

MARIA — Muito bem, sinhá Mariana. Mas, quem foi esse tal de Pasteur?

MIIMI — Deve ter sido um fabricante de pastéis.

MARIANA (*Sempre risonha*) — Não. Foi uma glória da França e do mundo. Se o mundo tivesse uma capital, essa capital seria Paris.

MIMI — Se não fosse Brasília!

MARIANA — Vejam Paris à noite! O Arco do Triunfo!

20 — SLIDE DO ARCO DO TRIUNFO.

MÁRCIA — Debaixo dele, está o túmulo do soldado francês desconhecido!

21 — SLIDE DA PRAÇA DA CONCÓRDIA A NOITE.

MÁRCIA — E aqui a Praça da Concórdia, com a residência real, ao fundo...

MARIA — E ainda se dança o câ-cã?

MARIANA — Dança, ainda, por ser tipicamente francesa, dos inícios do século. Vamos ver, (*Saem*).

(*Fecha CORTINA B*).

MÚSICA — Câ-Cã. (*Número obrigado D*). (*Ao fim, a CORTINA A se fecha. Sobre ela, projeta-se imagem de avião, com ruído de turbinas*).

VOZ DE MARIA (*Off*) — E agora? Para onde estamos indo?

VOZ DE MÁRCIA (*Off*) — Para os Estados Unidos.

22 — SLIDE DE MAR

VOZ DE MÁRIO (*Off*) — E que marzão é esse?

VOZ DE MÁRCIA (*Off*) — É o Oceano Atlântico. Temos de atravessá-lo para chegar à América.

(Abrem CORTINAS A e B. Pernas laterais da tela mostram arranhacéus e a estátua da Liberdade).

22 2— SLIDE DA BANDEIRA DOS ESTADOS UNIDOS.

MÚSICA — Primeiros compassos do HINO DOS ESTADOS UNIDOS.

MÁRCIA (Que entrou com as crianças) — Pronto. Estamos nos Estados Unidos. Voamos de um continente a outro com a rapidez de um relâmpago. Só em sonhos poderemos ser tão rápidos assim... Primeiro, Washington, que foi construída especialmente para ser sua capital...

MÁRCIA — O povo norte-americano cultiva a memória dos seus grandes homens.

24 — SLIDE DO MEMORIAL LINCOLN.

MÁRCIA — Olhem o monumento a Lincoln. Outro notável estadista foi Jefferson. O seu monumento é lindo...

25 — SLIDE DO MEMORIAL JEFFERSON.

MÁRCIA — Essas cerejeiras foram um presente dos japoneses aos americanos.

MIMI — E esse rio aí ao lado? É o Amazonas ?

MÁRCIA — Não. É o Potomac.

MARIA — E onde mora o Presidente dos Estados Unidos?

26 — SLIDE DA CASA BRANCA

MÁRCIA — Ai está a residência dele. Chama-se a "Casa Branca".

MÁRIO — Mas, eu estou doido para conhecer Nova York.

MÁRCIA (Dando-lhes as mãos) — Ora, é só um pulo. Fechem os olhos! (Pulam).

27 — SLIDE DA ESTÁTUA DA LIBERDADE.

MÁRCIA — Pronto! Aqui estamos voando sobre a estátua da Liberdade, à entrada do porto de Nova York. No meio da cidade, há um grande parque — o Central Park. E grandes edifícios, à margem do rio Hudson...

28 — SLIDE DO EDIFÍCIO DAS NAÇÕES UNIDAS.

MÁRCIA — Aqui está um — o das Nações Unidas. Quem descobre, entre tantas bandeiras, a do Brasil? (Jogo com a platéia).

MIMI — Está aqui! (Aponta)

29 — SLIDE DO ROCKEFELLER CENTER.

MÁRCIA — Estamos no centro de Nova York. No Centro Rockefeller.

MIMI — Foi ele quem criou o rock? (Ensaíam passos de rock).

MÁRCIA (Pondo-os em ordem) — Não. Foi um milionário que edificou tudo isso.

(Entra MARINHEIRO I, enquanto fecha CORTINA B).

MIMI — Vou conversar com aquele marinheiro...

MÁRIO — Essa menina ainda vai nos atrapalhar... Fica quieta, Mimi!

MIMI — Conversa! Eu sei Inglês. (Ao MARINHEIRO I) How dó you dó?

MÁRCIA (Baixo, a ela) — Não é assim. É how dú you dó?

MIMI — Dó, dó, du du, dá, dá no mesmo. Ele querendo, entende. Bom dia!

MARINHEIRO I — I don't understand.

MIMI — Como vai o bói?

MÁRCIA (Baixo a ela) — Não é bói, é bói. Boy quer dizer rapaz.

MIMI (Ao MARINHEIRO) — Está de folga hoje?

MARINHEIRO I (Sempre risonho) — I don't understand.

MIMI — Não compreendo.

MARINHEIRO I — I don't understand.

MIMI (Insistindo) — Não compreendo. Quantas vezes quer que diga?

MARINHEIRO I — I don't understand.

MIMI — Esse bói não sabe outra coisa. (Gesto de dinheiro) Quer dinheiro?

MARINHEIRO I (Dá mostras de haver compreendido) — Oh yes! O.K.!

MIMI — Está vendo como ele entendeu?

MÁRCIA — Não há quem não compreenda esse gesto. (Repete-o).

(Entra MARINHEIRO II).

MIMI — O que eu não compreendi foi o tal do O.K.

MARINHEIRO II — Eu explico. Sei falar português, porque já estive no Brasil. O.K. é um modo de se afirmar alguma coisa sorrindo. Assim!

MIMI (Fecha uma das mãos, elevando o polegar) — Então é igual a isto?

MARINHEIRO II — O.K.!

MIMI (Provoca a platéia) — Então, sorriam todos! Vamos! Assim! O.K.!

MARINHEIRO II (Para a platéia) — Não acham que a gente é mais feliz assim, sorrindo?

MIMI — O.K.!

MÁRIO — Eu bem que disse que essa menina vinha nos atrapalhar!

MIMI — O.K.!

MARIA — Ora, bolas! (Afasta-se).

MIMI — O.K.!

MÁRIO — Eu vou desligar as baterias dela!

MARINHEIRO II — Não faça isso com a bichinha!

MÁRIOI — Faça, sim! Prá que ela deixe de nos aborrecer! (*Avança, fingindo torcer um botão, nas costas de MIMI. Esta se imobiliza comicamente.*)

MARINHEIRO II — Oh! não fazer isto! Eu vou ligar outra vez! (*Finge ligar.*)

MIMI (*Num pulo*) — O.K.!

MÁRCIA (*Diante do aborrecimento de MÁRIO e MARIA*) — John, explica isso melhor a eles.

MARINHEIRO II — O.K.!

(*Entram mais 2 marinheiros e 4 grils, para marcar.*)

MÚSICA — O.K. (*Número obrigatório E.*)

I

MARINHEIRO II, (*Canta*) — É muito fácil, aprender já vai você! O.K.!

AS TRÊS CRIANÇAS — O.K.! O.K.! O.K.!

MARINHEIRO II — Pois vá cantando como eu assim, não vê? O.K.!

AS TRÊS CRIANÇAS (*Provocam também a platéia*) — O.K.! O.K.! O.K.!

MARINHEIRO II — Em vez de responder — não há de quê, basta sorrir e agradecer dizendo O.K.!

TODOS — O.K.!

MARINEIRO (*À platéia*) — Não está vendo que eu sorrio prá você? O.K.!

OS TRÊS (*Como acima*)

II

MARINEIRO II — Está gostando do espetáculo, você?

TODOS — O.K.! O.K.! O.K.! O.K.!

MARINHEIRO II — Quer um bombom, não agradeça, ora, por quê?

TODOS — O.K.! O.K.! O.K.! O.K.!

MARINHEIRO II — Em vez de responder — não há de quê, basta sorrir e repetir o nosso O.K.!

TODOS — O.K.!

MARINHEIRO II — Pois vamos todos responder,, você, você...

Todos (*Como acima*) — MARCAÇÃO.

NOTA — O ato pode acabar aqui, convocando-se crianças da platéia para o palco.

Também pode continuar segundo as hipóteses 1 e 2, seguintes.

HIPÓTESE 1:

MÁRIO — Bem, essa história já conhecemos...

MIMMI — O.K.!

MARIA — Espera, Mimi. Isso já acabou. Vamos ouvir o que ele quer dizer.

MIMMI — O.K.!

MÁRIO — Tudo certo, mas, a América tem mais coisas para nos mostrar. As danças mais modernas vieram da América.

MARIA — Bossas novas!

MIMI — Tudo O.K.!

MÁRIO — Tudo isso chega de vez em quando ao Brasil. É possível que a gente chegue aqui e não veja nada?

MARINHEIRO II — Isso é o que não nos falta!

MIMI — Dá uma amostrinha, seu O.K. A gente está seca de coisas novas, do nosso tempo e de nossa idade. Manda brasa, John!

MARINHEIRO II — O.K.!

(*Já tendo a tela do fundo subido, abre-se a CORTINA B. Sobre um praticável, que avança cena a dentro, orquestra pop explode ensurdecidamente. Dançarinos surgem num rock desenfreado. Espectadores mirins são atraídos da platéia para participar da dança final.*)

HIPÓTESE 2:

Abre CORTINA B. Projeta-se sobre a tela slides com personagens de Walt Disney. Do fundo da platéia, estes surgem, em "carne e osso" — Zé Carioca, Pluto, Mickey Mouse, Pato Donald e Dumbo, empurrado afanosamente pelos companheiros, para poder subir ao palco. Grande algazarra. Em cena, MARINHEIRO II faz apresentações de todos ao público mirim, provocando confusões, protestos, trocas, etc.

Os personagens fazem roda, cantam uma conhecida canção, com acompanhamento musical. Animação geral, com participação de intérpretes e espectadores, em movimentada conclusão da peça, com descida do velário final.

NOTA FINAL — *Também podem ser fundidas as duas hipóteses, após o O.K. Basta o Diretor fundir a própria cuca.*

FIM DO 1.º ATO

SEGUNDO ATO

II

ABERTURA — música — (Número obrigatório F).

(Aos primeiros compassos, abre-se o cenário. E, sobre a CORTINA A...

30 — SLIDE DA BANDEIRA DO BRASIL.

Ao fim dos 12 primeiros compassos da "Sinfonia" do "Guarani", abre-se a CORTINA A, continuando o slide projetado sobre a cena, que fecha, ao fundo, com a CORTINA B.

Na cena, oito ou dez pares de namorados se olham, se aconchegam, num painel sentimentalmente brasileiro: um par sob uma árvore, outro a uma janela, mais outro, sentado num banco de jardim, outro mais, ela sentada, ele de pé, composições diversas, todos os rapazes com violão à mão. Trajes rústicos, juninos, ingênuos.

Trata-se de uma homenagem à MODINHA brasileira. E o que o autor pretende ao abrir o pano para o 2.º ato de sua peça é estabelecer contraste vivo entre as músicas recentemente ouvidas — dança espanhola, câ-cã, rock etc. — e a música brasileira de recorte sentimental

Um seresteiro domina a cena cantando, ao violão, a MODINHA, que se segue à ABERTURA. A música está composta com participação do coro, ora livremente, ora a "bocca chiusa", com que finaliza o número.

SERESTEIRO —

I

Por ti, serei capaz de aos céus subir um dia,

e junto às estrelas
afinal colhê-las,
para ti!

Por ti serei capaz de mergulhar
até ao fundo do mar,
para encontrar
a pérola mais bela que alguém te possa ofertar.

Por ti os mundos correrei
em busca de um tesouro,
e em tuas mãos espalharei
todo esse ouro!

Mas, conseguir o teu sorriso,
E o que o teu olhar me diz,
na vida é tudo o que eu preciso
pra ser feliz!

Mas, se esse sonho não se realizar,
e tua imagem se afastar de mim,
minha esperança se despedaçar,
jogada ao léu do verde mar sem fim,
será minha vida uma infelicidade,
sem teu sorriso e sem o teu olhar,
mas, mesmo assim, de braço com a
saudade,
abandonado eu hei de te adorar.

Ao fim do número, fecha CORTINA A. Sobre ela, nova projeção:

31 — SLIDE "BRASIL! BRASIL! BRASIL!"

MÁRIO, MARIA, MIMI, MÁRCIA (entram do fundo da platéia) — Brasil! Brasil! Brasil! Essa é a Modinha brasileira! A música mais bonita do mundo! Voltamos, pessoal!

MÚSICA — (Uma vez apenas, a música da "A PARTIDA", número obrigatório B, mas, com os versos seguintes (pequena variante):
AS TRÊS CRIANÇAS —

Lá, em Portugal, ouvi
"É Uma Casa Portuguesa,
com Certeza",
e na Espanha, eu dancei.

Vi, na França, o câ-cã
e na América o O.K.!

Em viagem triunfal
percorrendo terras mil,
nada achei que fosse igual
mais bonito que o Brasil!

Brasil! Brasil! Brasil!
Minha terra abençoada
entre outras mil!
Brasil! Brasil! Brasil!
Não há terra mais amada,
não há povo mais gentil!

BIS

Pela abertura da CORTINA A, surge um novo personagem — o Brasil!

BRASIL— Chmaram-me? (Nenhuma fantasia. No máximo, calça verde, camisa amarela).

OS TRÊS (Curiosos) — Quem é você?
BRASIL — Não me reconhecem? Eu vou dizer.

Abre-se ao fundo, a CORTINA B.

32 — SLIDE DO DESEMBARQUE DE CABRAL.

BRASIL (*Declama*) —
Quando Cabral aqui chegou
abriu os lábios num sorriso:
ao seu olhar fulgurava
um verdadeiro paraíso.

33 — SLIDE DA PRIMEIRA MISSA NO BRASIL.

Recebe-o a Natureza,
toda em festa, toda em flor.
E, diante da Cruz, Cabral
agradeceu ao Criador!

34 — SLIDE DAS CATARATAS DO IGUAÇU

E logo na solidão
das belas e verdes matas
ergueu-se, numa alvorada,
a música das cascatas!

35 — SLIDE DA BATALHA DOS GUARARAPES.

Engrandecido cresci,
por obra dos filhos meus,
que uma pátria, em Guararapes,
criaram sob o olhar de Deus!

36 — SLIDE DO CÉU DO BRASIL

Pátria, em cujo céu sem par,
imensamente belo e azul,
em noite estrelada, os braços
abre, o Cruzeiro do Sul!

37 — SLIDE DE CRIANÇAS COM BANDEIRAS

Eu sou a terra adorada,
por todo um povo gentil!
A paz no futuro e a glória
no passado — eu sou o Brasil!

MARIA (*A MIMI*) — Eu bem que disse!

MARIA (*A MARCIA*) — Eu estava conhecendo!

BRASIL — Sim, sou o Brasil, abrindo os braços para os receber de volta!

MARIA — Você sabe que eu gosto muito de você?

BRASIL — E quem é que não gosta de mim?

MIMI (*Afasta MARIA*) — Sai daí! Ninguém gosta mais do que eu...

BRASIL — Vocês todos, meninos e meninas, estão no meu coração. O meu futuro depende de vocês. Mas, só se estudarem muito...

38 — SLIDE DE CRIANÇAS ENTRETIDAS COM LIVROS.

BRASIL — Divirtam-se, é natural, mas, não esqueçam os livros.

MÁRIO — Mas, escute aqui Por que é que brasileiro é tão diferente um do outro? Tem gente loura, tem gente morena, tem gente negra. O caboclo da Amazônia não se parece com o vaqueiro do Nordeste; o gaúcho nem lembra o carioca do morro; a balana é uma, o pernambucano é outro... Parece uma porção de raças diferentes...

BRASIL — Não. Foram somente três as que formaram o povo brasileiro. Vou lhes mostrar: o branco, o índio e o negro...

MÚSICA — “As três raças” — (*número obrigatório G*) Compor quadro de grande efeito plástico.

39 — SLIDE DE “CASA GRANDE” DE ENGENHO

O BRANCO (*Canta*) — O branco te trouxe, Brasil, com a Saudade, a Ternura!

CORO (*Interno*) — Brasil!

40 — SLIDE DO ÍNDIO MANEJANDO UMA FLECHA.

O ÍNDIO (*Canta*) — O índio, lutando, lições te deu de Bravura!

CORO (*Interno*) — Brasil!

41 — SLIDE DE NEGROS (*Gravura de Debret*).

O NEGRO (*De enxada ao ombro*) —

E o negro, sempre sofrendo,
deixou-te a sua Bandeira!

42 — SLIDE DE MÃE PRETA (*Uma “mãe preta” entra, com um ioiozinho nos braços*).

NEGRO (*Continua cantando*) —

E ao ioiozinho a “mãe preta”
deu seu leite a doçura!

CORO —! Brasil!

(*Quatro pequenas lâmpadas, por trás da tela, deverão dar a impressão do Cruzeiro do Sul*).

BRANCO, ÍNDIO, NEGRO — Quando, à noite, o Cruzeiro do Sul.

CORO (*Interno*) — Terra Adorada!

OS TRÊS — No céu azul vem brilhar,

CORO — Idolatrada!

OS TRÊS — Quatro diamantes fulgindo no céu!

CORO — Salve! Salve!

OS TRÊS — De joelhos, agradecemos a Deus.

CORO — Terra Adorada!

OS TRÊS — Pôs a cruz de Jesus!

(O Diretor é livre para marcar, repetir, enriquecer, consoante os elementos com que contar).

Fecha CORTINA A (para saída dos cantores).

BRASIL (Aos meninos que se mantiveram nos extremos laterais do palco, inclusive reforçando o coro) — Querem ir agora comigo para conhecer melhor quem eu sou? Vamos começar pelo Amazonas!

MÁRIO — Sim. Queremos conhecer o Brasil antes de voltar pra casa.

43 — SLIDE DO ENCONTRO DAS ÁGUAS.

MIMI (Aponta para a tela) — Olha o mar! E com duas cores: uma clara, outra escura!

MÁRCIA — Não é o mar. É o encontro do Rio Amazonas com o rio Negro...

BRASIL — As águas do Amazonas são barrentas; as do rio Negro, escuras. Elas costumam a se misturar.

44 — SLIDE DA TRANSAMAZÔNICA.

MÁRIO — E que fita comprida é essa?

MÁRCIA — Não é fita, não. É a Transamazônica, uma das grandes estradas que estão sendo abertas hoje em nosso País.

MARIA (Embevecida, como todos os outros) — Olha o tamanho das árvores!

MÁRCIA — São as mais altas do mundo: jequitibás, sapucaias...

BRASIL — Castanheiras, seringueiras...

MIMI — As seringueiras dão leite como as vacas, não é?

MÁRCIA — Nada disso. Do chamado leite de seringueira é que se faz a borracha.

MIMI — Desta vez me esborrachei!

MÁRIO — Quanto bicho bonito deve haver na floresta amazônica!

MÁRCIA — Claro! A fauna do Brasil é riquíssima!

MIMI — Você está falando difícil. Troca isso em miúdo...

MÁRCIA — Fauna quer dizer conjunto de animais. E flora...

MARIA — ... conjunto de vegetais.

45 — SLIDE DE IGARAPÉ.

MÁRCIA — Ai está um braço do Amazonas — um igarapé. Vejam quantas plantas dentro e fora das águas...

46 — SLIDE DE JANGADA.

MÁRIO — E jangada também existe lá?

MÁRCIA — Lá, não... É que já estamos nos verdes mares bravios, de que fala José de Alencar. Nas alturas do Ceará! Vida perigosa e bonita a dos jangadeiros do Nordeste!

MIMI — E que é que eles fazem quando não estão pescando?

MÁRCIA — Descansam à sombra dos coqueiros!

47 — SLIDE DE COQUEIROS.

MÁRIO — Lembrei-me, agora, de um versinho. (Declama, enfático).

"Pelas praias, noite e dia,
como verdes mensageiros,
espaneja à ventania,
a folhagem dos coqueiros!"

MIMI (Imitando Chico Anísio) — Falou...

MÁRCIA — Ou, então, dançam o côco!

MARIA — O côco, comida, é bom, mas, o côco, dança, é melhor!

MÚSICA E DANÇA (Côco do Nordeste, de livre escolha).

BRASIL — Vamos continuar a nossa viagem... Tenho muito ainda a mostrar.

48 — SLIDE DA CHESF.

MÁRIO — Que riozão é esse, com tantas engrenagens? Coitado!

MÁRCIA — É o São Francisco, com a usina de Paulo Afonso. Manda energia para todo o Nordeste. Ilumina da Bahia ao Ceará. Está vendo esta luz? Vem de lá...

MARIA — É uma gente formidável, essa gente do Nordeste!

49 — SLIDE DE VAQUEIRO.

(Surgem dois retirantes que vão voltando para o sertão. Um traz uma enxada ao ombro; outro, um violão, debaixo do braço).

MIMI — Ei, pessoal! De onde vêm vocês? Pra onde é que você vai, seu Zé?

RETIRANTE I — Eu não me chamo Zé...

MIMI — Como é que se chama, então?

RETIRANTE I — Eu me chamou Zezé.

MIMI (Ao RETIRANTE III) — E você também se chama Zezé?

RETIRANTE II — Eu, não.

MIMI — Como é que se chama?

RETIRANTE II — Eu me chamo Zé.

MIMI — É muito Zé de mais...

RETIRANTE II — Pois é...

MIMI — E para onde vão vocês?

RETIRANTE — A gente não está indo não. Está voltando.

MÁRIO — Voltando, de onde?

50 — SLIDE DE CAATINGA RESSEQUIDA.

RETIRANTE I — De outros mundos. A seca estava braba. Mas, choveu. Foi como se pingasse prata do céu. Então, nós voltamos pra nosso pedaço de terra. A vida da gente é essa mesmo, mas, abandoná isso aqui é que ninguém faz.

MARIA — E vocês não felizes?

RETIRANTE II — Somos. De dia, a gente cava a terra. De noite, se a tristeza aperta, a gente bota prá cantá.

MÁRCIA — E é assim todas as noites?

RETIRANTE I — Não. Só quando é noite de lua.

MIMI — E quando não é de lua?

RETIRANTE I — Ai, a gente dorme mais cedo.

MÁRIO — E que é que vocês cantam?

RETIRANTE I — Toada, desafio, embolada...

MIMI — Ah! então, embola aqui com a gente uma coisinha!

RETIRANTE II — Vá lá. Hoje, nos estamos contentes. Choveu...

MÚSICA — *Empunha o violão, canta, acompanhado discretamente pela orquestra (bateria, etc.), conhecida embolada).*

Tem paciência, iaiá,
tem paciência...
Usando cinta é capaz de miorá...

D. Iaiá, que gorda e convencida,
tem a cara parecida
com um negócio diferente.
Quando ela tira toda a roupa
é uma charada
ninguém sabe se a danada
tá de costa ou está de frente.

D. Iaiá toma banho todo dia,
mas, meu Deus, que agonia,
quando vai se ensaboar.
Gasta uma barra de sabão só na barriga
e o resto que ela diga
...que eu não quero imaginar.

Um dia desses, ela foi tirar retrato
eu me ri que fiquei chato
só com aquela mangangá,
pois a Kodak só tinha capacidade
de pegar mesmo a metade
da bochecha de Iaiá.

Um dia desses, ela muito distraída
acordou aborrecida
e deu um giro no portão
Uma menina vendo ela de pijama
foi gritando para a ama:
— olha um boi de macacão!

D. Iaiá tem dois metros de altura,
fez concurso de gordura
e ganhou sem se queixar,
mas só se ouvia de ouvido em ouvido
— “Que bucho desenvolvido,
é o de dona Iaiá!”

Ao fim da embolada, saem os RETIRANTES I e II.

MÁRCIA — E o nosso avião continua voando pelos céus do Brasil.

51 — SLIDE DE MINA DE FERRO.

MARIA — Que é isso aí?

MÁRCIA — É ferro. O Brasil tem ferro para fornecer ao mundo inteiro por anos e anos.

MIMI — Descobri! Estamos em Minas Gerais. Eu sei Geografia!

MARIA — Aqui, foi o berço da Inconfidência Mineira. O seu grande mártir foi... Quem sabe? (*Provoca a platéia*).

MIMI — Foi Tiradentes! Eu sei História!

52 — SLIDE DE BRASÍLIA.

MÁRCIA — Pronto! Brasília, a Capital da Esperança!

MÁRIO — Olhem os palácios de Brasília!

53 — SLIDDE DO ITAMARATI, À NOITE.

BRASIL — Esse é o Itamarati, o Ministério das Relações Exteriores. Pertinho, vocês vão ver uma construção moderna sensacional!

54 — SLIDE DA CATEDRAL DE BRASÍLIA.

BRASIL — É a Catedral de Brasília. Não há igreja igual no mundo!

MARIA — Brasil velho, cansado de guerra!

MIMI — Velho cansado de guerra? Nem uma coisa, nem outra. Conversa fiada. O Brasil é bonitão, jovem e só quer viver em paz!

MÁRIO — Vamos dar uma espiada pelo Sul.

MARIA — Vamos, vamos. O Rio Grande do Sul não pode ser esquecido!

55 — SLIDE DE PARREIRAIS.

MÁRCIA — Terra de parreirais, com que se fabricam deliciosos vinhos...

BRASIL — Dizem que o gaúcho é o pernambucano a cavalo e que o pernambucano é o gaúcho a pé.

56 — SLIDE DE GAÚCHOS TOCANDO E CANTANDO.

MARIA — Por que dizem isso?

BRASIL — Porque são ambos fortes, bravos, valentes, alegres... Dançam. cantam... Eu devo muito a eles! E como dançam! (*Se houver possibilidade, pode aqui ser intercalado um número de dança gaúcha*).

MÁRCIA — E agora, para o Norte — São Paulo, Rio, por aí agora, até em casa.

57 — SLIDE DE SÃO PAULO.

MARIA — São Paulo! A cidade que mais cresce no mundo!

MIMI — Que riachinho é aquele?

MÁRCIA — Riachinho, não. Aquele é o riacho do Ipiranga, onde...

58 — SLIDE DO GRITO DO IPIRANGA.

MIMI — Já sei. Onde foi proclamada a Independência do Brasil! (*Declama*) As magens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante da Independência!

59 — SLIDE DO RIO, com CRISTO DO CORCOVADO.

MÁRCIA — E agora, sempre descendo, o Rio, a cidade maravilhosa!

TODOS (*Aproveitam a deixa e cantam, provocando a platéia*):

“Cidade Maravilhosa,
cheia de encantos mil,
cidade maravilhosa,
coração do meu Brasil”.

60 — SLIDE DE COPACABANA.

MARIA — Que beleza! Que praia é essa?

MÁRCIA — Quem já não ouviu falar na praia de Copacabana? Vindo de lá para dentro da cidade, passa-se em Botafogo e, depois, no Flamengo.

61 — SLIDE DO ATERRO DO FLAMENGO.

MÁRCIA — Olhem o Flamengo, que toda a gente admira...

MIMI — Toda a gente, vírgula! Eu não sou Flamengo! Sou Santa Cruz! (*Ou nome de um clube local*).

CARIOCA — (*Surge, gingando*) — Quem é que está falando contra o Flamengo? Na minha frente, não. Que é que há, minha gente? (*Traz camisa do Flamengo do Rio*).

MIMI — Não há nada, mas pode haver... (*Adere aos modos do Carioca*).

CARIOCA — Se haver, eu reajo!

MIMI — Se haver, não, meu chapa! Se houver. Eu sei Português!

CARIOCA — E quem é você prá querer brincar comigo?

MIMI — Sou da terra do maracatu.

CARIOCA (*Triunfante*) — Parente do samba! No campo, eu sou Mengo, mas, no barraco, sou do samba!

MÁRIO — Você canta e dança?

CARIOCA — Claro! No carnaval, só falto me acabar!

62 — SLIDE DE ESCOLA DE SAMBA NO RIO.

CARIOCA (*Declama*) —

Um povo que dança e canta
tem razão de ser feliz!

É que ele traz na garganta
todo o amor do seu país!



No quadro do Rio de Janeiro, ao som de um samba-enredo, dançam as três crianças. À direita, o CARIOCA e, ao fundo o personagem BRASIL

É a modinha, é o frevo,
é o samba, que sei mais!
É a alegria, é o enlevo,
de quem vive sempre em paz!
E tem mais uma coisa: sou

até debaixo d'água! (*Começa-se a ouvir, vindo de longe, o samba-enredo da Escola que viver sido citada*) Tá ouvindo? Quando minha Escola chega, não há quem resista!

(*Aumenta a intensidade sonora do disco. Todos os que se acham em cena, cantam e dançam o samba-enredo escolhido: MARIO arranja um "palhinha", MARIA um boné, MIMI, um estandarte pequenino, enquanto MARIO banca o Mestre-Sala, em volta dela.*)
(Ao fim de tudo):

MÁRIOI — Vamos embora, pessoal Estou doido prá chegar em casa!

MARIAI — Mas, ainda há tanta coisa a ver, antes de chegar lá...

MÁRCIA — Claro que há, o Brasil não acaba nunca.

MARIAI — Mas, vamos embora que Mãe já deve estar com cuidado.

MÁRIO — Daqui para o Recife, a distância é pequena...

MIMI — Pequena, mas, no meio tem a Bahia, que é grande!

63 — SLIDE DA BAHIA.

BRASIL — Terra do Senhor do Bonfim e de Castro Alves!

MÁRIO — Do vatapá e do caruru...

MARIA — Do acarajé e do efó...

MIMI — Do acaçá e do xi-xi de galinha...

MÁRIO (*Corrigindo*) — Não é xixi, não, Mimi. É xim-xim...

MIMI — Seja lá o que, nada como a bahiana, minha patriciã...

MARIA — Deixa de bobagem. Que é que a Bahia tem de mais?

MIMI (*Descreve a BAHIANA que vai entrar*).

BAIANA (*Entra*) — Chamou, iaia? Estou aqui!

MIMI — Prá que você usa tanto balan-gandã?

BAIANA — Prá me enfeitar. Tem figa, tem conta de cor, tem...

MÁRIO — Qual é sua devoção?

BAIANA — No mar, Iemanjá; em terra, Iansã. A elas é que eu devo os meus dengues... os meus feitiços...

MORENO (*Vive o pernambucano*) — Que tanta coisa é essa que Baiana tem?

BAIANA — Só ioiô vendo... E ioiô também tem?

MORENO — Claro! Se eu sou pernambucano!

BAIANA — Já ouvi falar dele...

MORENO — Sou do Recife e vou dizer também o que tenho.

MIMI — Vamos escapar daqui, que é capaz de sair faisca dessa briga...

MÁRCIA — Nada. Eles discutem, mas, não brigam nunca.

MÚSICA — Duo BAIANA/MORENO (*Número obrigatório H*).

64 — OUTRO SLIDE DA BAHIA.

BAIANA — Bahia, capital, com muita honra, Salvador!

65 — SLIDE DO RECIFE

MORENO — Pernambuco, capital é Recife, com muito amor!

BAIANA — Que é que tu tens, moreno frajola, de mais?

MORENO — E tu, que é que tu tens que tão vaidosa te faz?

66 — SLIDE DA LAGOA DO ABAETÉ.

BAIANA — Eu tenho a lagoa do Abaeté!

MORENO (*Aceita o desafio*) — Eu faço fritada de guaiamu!

67 — SLIDE DE "BAIANA" VENDERORA.

BAIANA — Eu como abará e acarajé.

68 — SLIDE DE MARACATU.

MORENO —

E eu tenho, iaia, o maracatu!

Baiana da Guiné

com a chinelinha no pé,

que é que me dás, meu quidim?

BAIANA —

Moreno, eu te dou minha fé,

no Senhor do Bonfim!

II

(*Repete os quatro primeiros versos*).

69 — SLIDE DE CANDONBLÉ.

BAIANA — Eu toco atabaque e afoxê!

MORENO — O Pai Edú faz como você?

70 — SLIDE DE CAPOEIRA.

BAIANA — Eu brinco capoeira e maculelê!

MORENO — Você tudo faz, mas, não faz o que eu faço!

71 — SLIDE DE PASSISTAS DE FREVO.

BAIANA — O que é?

MORENO —

O frevo e o passo!
Baiana, eu te laço e abraço
te ensino direito o compasso,
pego no passo
o teu braço
e vamos virar bagaço!

(A orquestra liga este número com um frevo "Vem Fervendo", de Nelson Ferreira: invadem a cena "passistas" e o frevo toma conta do palco, com participação da gurizada da platéia).

FIM DA PEÇA

NOTA: Conforme o autor já explicou na nota inicial, é dada liberdade ao Diretor para "construir" um outro final, condizente com o Estado ou a cidade de onde partiram os "viajantes". Na oportunidade, seriam, então, fo-

calizados danças, cantos, músicas, costumes, etc. locais, para que fique a impressão de que as crianças voltaram ao ponto de onde partiram.



ESTA PEÇA NÃO PODERÁ SER
REPRESENTADA SEM A DEVIDA
AUTORIZAÇÃO DA SOCIEDADE
BRASILEIRA DE AUTORES
TEATRAIS.

Esta peça só poderá ser representada, no todo ou em parte, seja por que processo fôr, mediante autorização expressa da SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS.